

ESTILÍSTICA EM JOSÉ DE MESQUITA

UMA INTRODUÇÃO

Benedito Pedro Dorileo

As palavras assumem no discurso papel importante e menos importante, outras. Há as principais, representativas da idéia-núcleo, traduzem a realidade com imagens-sínteses.

Tomemos este trecho literário, com lição antropológica, de José de Mesquita, em Os Primeiros Bacharéis Matogrossenses: *“Elementos estranhos, sobretudo de origem portuguesa e paulista se haviam radicado na terra a que ora os vinculavam laços de sangue, e elos de interesse, constituindo-se dest’arte os prógonos de outras tantas famílias poderosas pela riqueza e pelo prestígio social, e o comércio bem que rotineiro e difícil entra a intensificar-se, multiplicando-se, por outro lado, os engenhos em que a indústria começa a prosperar sensivelmente”* (In Gente e Coisas de Antanho-Caderno 4, Ec. 1978, pág. 39).

Achamos os termos principais, reduzindo o grupo fraseológico, em essência, para: Elementos estranhos... radicados... terra... vinculavam laços sangue e interesse... constituindo-se... prógonos... famílias poderosas... comércio... intensificar-se... multiplicando engenhos... indústria poderosa.

A operação simplificadora ocorre com o despojamento dos artigos, adjetivos em parte, preposições, conjunções, verbos, auxiliar e de ligação, pronomes, advérbios em parte, locução adverbial. Ainda poderíamos chegar à redução para apenas os substantivos e verbos.

São palavras reais ou semantemas e instrumentos gramaticais ou morfemas. Sob enfoque rigoroso, pode-se concluir que semantemas são os substantivos e os verbos e, por vezes, o advérbio, o pronome, o numeral, conforme o lugar de expressividade que desempenham no discurso. Os morfemas são os outros elementos de relação ou de precisão.

No cotidiano da vida, a carga de morfemas fica reduzida, principalmente, nestas horas de velocidade e de exigüidade de tempo.

Há a situação em que a linguagem telegráfica pode ser utilizada, com laconismo necessário, economizando tempo, espaço e dinheiro. Por exemplo: *“Cuiabá cem anos quase Cuiabá hoje”*. A esfera de atividade de dinâmica social obriga à redução, à concisão fundamental; avulta-se a palavra real à custa do instrumento gramatical. Em José de Mesquita, na crônica Cuiabá de há um Século, encontramos: *“A Cuiabá de cem anos atrás era - relevem-me tão dura verdade - quase a Cuiabá de hoje”*. Falava o literato sobre o período de 1827 a 1927, lapso de total estagnação da vida cuiabana (Op. cit. pág. 107), Aqui, os morfemas juntaram-se aos semantemas para oferecer maior elucidação e elegância à construção fraseológica.

Não se preconiza o estilo teleográfico, mas se sugere a atenção para a importância dos vocábulos advertindo contra o estilo desmesurado, empolado da multiplicação inútil das palavras, dispensáveis para a absorção do sentido. Nas suas crônicas temos encontrado a medida virtuosa do bom estilo, prevalecendo a sobriedade, com dispensa dos enfeites gongóricos ou inúteis, como se lê em Beleza Cuiabana: *“Preiteavam-lhe homenagens, rendidos aos seus amavios de viuvinha juveníssima, as mais importantes figuras do tempo”* (Op. cit. pág. 117). Os adjetivos caem dosadamente na elaboração da frase, nem mais, nem menos.

As palavras reais salientam-se pela sua força expressiva, despertando imagens das coisas, podendo revestir de aspectos variegados o sentimento pessoal. Neste trecho, José de Mesquita, em *O Relógio da Catedral*, conversa com a máquina, conferindo-lhe a capacidade de sentir, ver, movimentar, soar, posicionar: *“Mas melhor é que assim te conserves, arcaico observador, no silêncio vocal a que te condena a tua própria natureza, pendulando e soando as horas e meia-horas, ao sol dos verões e aos luaceiros do inverno, pois se a palavra te fosse dada, talvez muito amargor nos reservarias no increpar aos cuidados de hoje o seu descaso pela tradição, o seu feitícismo pelas cousas frívolas de hoje, a completa transformação moral que se lhe opera irremediavelmente no caráter”* ... (Op. cit. pág. 119). As fantasias geradas, aqui, evoluem-se para além do objeto e propicia representações que pouca ou nenhuma relação tem com ele na realidade. Este fenômeno denomina-se de parafantasia, cuja aplicação literária é conhecida pela denominação de linguagem figurada. E cientificamente de Sinestesia a estas interpenetrações de vários sentidos, quando o relógio assume a figuração de pessoa que trabalha, sente, observa, censura e produz o despertar ético.

O senso estético do literato escolhe os vocábulos mais adequados ao seu intento, os torneios de frases, a construção mais eficiente ao seu objetivo de comunicação de idéias ou de sentimentos. É a Sinestesia a sensação pertencente a um sentido que transita para outro por decorrência de sentimentos. Produz a sensação concomitante.

Mais uma crônica mesquitiana. No *Campanário*, em que encontramos: ... *“subamos ao campanário, em visita aos amigos sinos, que bem no-la merecem, pois compartilham de nossa vida desinteressadamente, dobraram aos funerais dos nossos maiores, repicaram ao nosso batizado e os dos nossos filhos e vão, pela vida afora, nos acompanhando nas mais diversas fortunas, nos alti-baixos da existência”* (Op. cit. pág.

121). Bastou a palavra sino para evocar as mais diferentes imagens, sugerindo o seu som a morte, a vida, o sacramento, a tradição. Como podem também os sons provocar sensações de cor, dor, amor, saudade, tristeza e alegria.

O sino, sinestesticamente, pode induzir às imagens de: representação sonora, de imagem motriz do movimento, imagem visual da forma e tantas imagens de parafantasia.

O étimo de sinestesia completa o nosso entendimento: *“S. Do gr. Synaisthesis, ato de perceber uma coisa ao mesmo tempo que outra, sensação ou percepção simultânea”* (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, José Pedro Machado, Ed. 1967, Vol. 111, pág. 2118).

E não bastou a escolha das palavras, mas José de Mesquita procurou a disposição do material lingüístico, tendo em vista as condições da sociedade, a quem dirigia a sua comunicação. Na mesma crônica vemos novo diálogo sobre o sino, conferindo-lhe *“outras missões”* confabulando com ele, em produções sinestésicas com apuro de linguagem, dirigida ao estrato social intelectualizado da época: ... *“velhos sinos amigos, ali no seu plácido campanário, tangendo matinas e vésperas, dia por dia, noite por noite, na sua tarefa discreta e bondosa. São eles que levam para o alto os nossos ais rolando em suas vozes - como disse o poeta - e trazem-nos os apelos misteriosos do Infinito, nessa linguagem evocativa dos seus dobres e dos seus repiques”* (Op. cito pág. 123).

Em José de Mesquita encontramos a exatidão do termo, a propriedade do uso das palavras, tal como os parnasianos e realistas. O emprego excelente dos adjetivos é uma constante, ainda que em certas passagens ocorra a demasia da qualificação, porém, ora reforçando o sentido do substantivo, ora moldando-lhe a diferença de sentido.

Assim, lemos outra crônica mesquitiana, A missa do Espírito Santo: “*Quando o missa cantante galgava, nos seus ricos paramentos, os degraus da Capela-mor e aproximava-se do altar todo florido e iluminado, o corpo desferia os seus cantos harmoniosos e as volutas do incenso evolavam-se lentamente dos turíbulos de prata. E grave, solene, majestosa, a missa começava*” (Op. cito pág. 125). Vê-se, aqui, o uso dos adjetivos: ricos, florido, iluminado, harmonioso; além da alocação adjetiva **de prata**, e ainda do advérbio **lentamente**, e a construção **volutas do incenso evolavam-se**, que redundam a imagem. Deste trecho, aproveitamos para destacar o recurso estilístico da diferença quantitativa em: “*E grave, solene, majestosa, a missa começava*”. A série destes três adjetivos está colocado segundo uma ordem lógica, a própria lógica dos sentimentos: a pompa da celebração eucarística vai-se desenvolvendo numa ordem crescente: primeiro, a austeridade do ato; depois, a magnificência do ato; por fim, a grandeza suprema do ato.

Contrariamente, encontramos, em A Procissão de São Jorge, outra crônica mesquitiana: “*A tropa prestava continência à passagem do General das Milícias Celestes. Era um espetáculo grandioso e impressionante*” (Op. cito pág. 128). Aqui a ordem lógica está invertida pelo sentimento, de mais para menos da representação imaginárias dos adjetivos. E a ordem decrescente: primeiro, a pompa do ato; depois a impressão do ato. E poderíamos entremear o adjetivo altivo. Ainda que tal recurso estilístico requeira cuidados sinonímicos e analógicos.

Dessa forma, o que predomina nas ordens crescente ou decrescente é a intensidade afetiva, carga sentimental dosada hierarquicamente, interessando à Estilística.

Percebemos as palavras que apresentam aspectos variados de uma mesma idéia, a sinonímia gradual empregada; mas é natural que cada um dos elementos da série sinonímica

sugira, por seu lado, outras palavras com a qual tem ou pode ter afinidades. Ocorre, então, a chamada associação de idéias, que expressam diferentes acepções, variantes e matizes de um mesmo pensamento. Até mesmo idéias antagônicas. Tomemos um trecho mesquitiano em Migalhas para História da Cidade: “*Cidade velha, com um passado cheio de episódios curiosos, de costumes e usanças bastante típicos, a Capital Mato-grossense daria ensanchas a belos ensaios em que o brasileiro teria muito que lucrar, dada afeição essencialmente nacional do nosso povo, que se explica aliás pela sua posição isolada no centro quase geométrico do continente*”, (Op. cit. pág. 133). Temos o adjetivo belos (sing. belo) e isolada (masc. isolado), grifados no texto. A face oposta de belo é feio, e de isolado pode ser acompanhado. Assim, a maneira mais prática de buscar o sentido da palavra é encontrar-lhe o antônimo. Dessa forma, o princípio da Analogia é considerar, em primeiro lugar, numa palavra o seu termo antagônico; e depois, todos os termos que se lhe ligam por associação de idéias.

Façamos duas colunas, a primeira contém as palavras relacionadas diretamente com a idéia; a segunda, as acepções antagônicas:

BELO

<u>Substantivos:</u>		<u>Adjetivos:</u>
Beleza,		lindo, bonito,
boniteza,	Beleza,	preclaro, galante, formoso,
venustidade,	bonitura,	venusto, angélico, gracioso,
frescor,	formosura,	sedutor, pulcro, elegante,
encanto,	lindeza, beldade,	delicado, mimoso, adorável,
perfeição,	atrativo, primor,	digno de se ver, escultural,
elegância,	louçania,	chique, simpático, airoso na
garradice,	galhardia,	forma, garboso, perfeito,
airosidade,	donaire, graça,	esbelto, danoso, donairoso,
pomposição,	esbelteza,	senhoril, grácil, guapo, bem
	um não sei quê,	

garbo, requinte, aprumo, esplendor, fulgência, grandeza, sublimidade, celsitude, imponência, suntuosidade, brinco, elevação, nobreza, apuro, delicadeza, fausto, embelezamento, formo-seamento, Vênus, Afrodite, Citéria, Hebe, as Graças, Narciso, deidade, ninfa, fada, serafim, arcanjo, rosa, lírio, flor, anêmona.

posto, catita, loução, vistoso, de formas suaves, brilhante, esplêndido, excelente, magnificente, feérico, deslumbrante, espetaculoso, pomposo, soberbo, radiante, doce, suave, suntuoso, excelso, majestoso, angustal, tentador, digno do pincel de um artista, faustoso.

FEIO

Substantivos: Fealdade, deformidade, disformidade, desprimor, inelegância, deselegância, desfiguramento, hediondez, horribilidade, asquerosidade, porte desagradado, desaire, desengonço, cara feia, carantonha, corão, carranca, caranchona, caramono, aleijão, especto, sapo, mico, monstro, monstrengo, demônio, mono, Calibã, Eso-po, Quasímodo, jacodes, jangaz, chinchila, trangola, espantalho, estupor, bazulaque, figura de pano arrás, feanchão, dentuça, hipopótamo, madrigáz, macho da liteira, chichimeco, ur-so,

Adjetivos: feio, como bode, inelegante, deselegante, ingraciouso, simiesco, disforme, desproporcionado, desfavorecido, desprimoroso, desairoso, flexípede, demá sombra, façanhudo, contrafeito, pesado, desdentado, anodonte, capri barbudo, carancudo, trombudo, focinhudo, pseudo, narigudo, pencudo, pençudo, ventruado, vatricoso, de fero aspecto, indigesto, desinteressante, rebarbativo, encarontanhado, horrendo, medúcio, achaparrado, inartístico, desornado, desaprimorado, grosseiro, deforme, lúgubre, me-

macaco, camafeu, careaça, canhão, toupeira, seresma, serpe, bruxa, tarasca, jia, manopla, penca.

donho.

ISOLAMENTO

Substantivos: singularidade, isolamento, imparidade, bloqueio, afastamento, separação, incomunicabilidade, solidão, orfandade, abandono, disjunção, indivíduo, um só, uma única voz, nenhum outro, sentinela, insulador, dielétrico.

Adjetivos: uno, um, único, só, solteiro, viúvo, divorciado, órfão, solitário, sozinho, sem segundo, ímpar, singular, individual, personalíssimo, desacompanhado, distinto, desamparado, abandonado, entregue aos seus próprios recursos, desirmão, desirmanado, esquecido dos homens, inarticulado, desempareirado, sem par, díspar, desemparelhado.

ACOMPANHAMENTO

Substantivos: adjunto, contexto, contextura, encadeamento, xipofogia, terá-topagia, coexistência, coabitação, inseparabilidade, paridade, concomitância, companhia, parceiro, co-eficiência, acessório, com-panheiro, associado, parceria, comparte, comanditário, som-bra, satélite, consorte, parasita, séqüito.

Adjetivos: concomitante, gêmeos, trigêmeos, coexistentes, coabitantes, emparelhados, empareirados, juntos, inseparáveis, casados, amigos, misturados, unidos, ladeado, acessório, acidental.

Se assim é feito para todas as coisas fundamentais que possam suscitar outras idéias, e, por conseguinte, outras formas de expressão, teremos chegado ao Dicionário Analógico. Vê-se a importância, para o escritor e para o estilista, desta pesquisa. “*In casu*” valemo-nos do Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (idéias afins), Ed. 1974, de Francisco dos Santos Azevedo.

Se atentarmos bem, concluiremos que o substantivo pouco difere do adjetivo; em resumo, são dois aspectos de uma mesma lingüística. A própria origem do nome tem mais de adjetivo do que de substantivo. Investigando lingüisticamente, vemos que, ao princípio, todos os seres foram designados por uma qualidade fundamental, que os caracterizava. E usual é tomar o adjetivo pelo substantivo. Vejamos em Os Planos de Magessi, crônica mesquitiana:... “*naquele meio da Cuiabá colonial dos começos do século XIX, onde já havia uma sociedade, com foros de fidalguia, ricos mercadores, gente que se dava por fina e de boa linhagem, escandalizada ante a sencerimônica do governador, que se permitia ajudar o fabrico do sabão por economia doméstica*” (Op. cito pago 173). A língua de cunho impressionista faz avultar a qualidade sencerimônica, um neologismo, acima do objeto, faz da qualidade o próprio objeto. O adjetivo vê-se substantivado. O substantivo vai muitas vezes empregado como adjetivo: também este serve não raro como substantivo, tanto na linguagem comum, como na literária. Este princípio tem apreciáveis aplicações na Estilística.

Observo, por fim, nesta despreziosa análise, que o gênero prosa de José de Mesquita, quando muito dele nos lembramos neste ano centenário do seu nascimento, provoca sempre doce estesia, uma sensação permanente de beleza estética, pela inteligente escolha dos elementos na propriedade e na disposição sonora das palavras, da sua combinação na frase e da disposição artística dos acentos, dos conceitos novos que evoca na produção suave da linguagem figurada. O seu gosto literário expressa o temperamento do homem culto e religioso. A imagem de José de Mesquita não está senescente, mas atual em nossas recordações literárias e do nosso espírito.

Cuiabá, maio de 1992.

1 - Publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 1992, Tomos CXXXVII - CXXXVIII, por ocasião da comemoração do centenário de nascimento de JOSÉ DE MESQUITA.

2 - Publicado no Jornal Folha do Estado, Cuiabá, 30 de Agosto de 2003.

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>